

REFLEXÕES DE UMA PSICANALISTA PARA UMA ÉTICA TRANSDISCIPLINAR, A PARTIR DA TEORIA DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Elisabeth Saporiti

O pressuposto fundamental desta reflexão é que uma atitude transdisciplinar é, antes de mais nada, uma atitude ética. A junção da teoria de peirceana com a teoria psicanalítica não é, aqui, um fato aleatório. Ela se dá devido ao reconhecimento de que Charles Peirce é um pioneiro da transdisciplinaridade e a psicanálise entra, por conta da própria autora que acredita que a subjetividade não é jamais antagônica em se tratando de questões da ética.

Por outro lado, como pretendo demonstrar, psicanálise e semiótica, embora aparentem ser campos afastados um do outro, são na verdade, disciplinas afins, ou seja, intimamente relacionadas.

A semiótica peirceana vem a ser uma teoria muito geral, rigorosa e formal, isto é, um modelo altamente elaborado e articulado de tudo aquilo que diz respeito ao signo, pois ela nada mais é que uma teoria geral da representação. Quanto à psicanálise, quer consideremos o que acontece em cada sessão isoladamente, quer consideremos o processo como um todo, já podemos advogar que ela trata de representações. Freud tem uma célebre frase, mais conhecida no próprio alemão do que em sua tradução: WO ES WAR, SOLL ICH WERDEN, ou seja, lá onde ISSO era (no início do tratamento), deve o EU advir (no final). (Freud 1932: 33). Se nos detivermos apenas neste ponto-chave de sua teoria, já podemos realizar que a psicanálise é um processo de transformação sgnica, de mudança a nível das representações de um sujeito.

Peirce afirma que a cada salto da ciência tem correspondido uma lição de lógica (Peirce 1965: 5.363), daí podermos propor aqui que, igualmente, a cada avanço da ciência, uma nova Ética se faz necessária. Vários foram os pontos de ruptura, de cisão epistemológica nos últimos tempos nos vários ramos da ciência. Como psicanalista, estou mais próxima do verdadeiro salto do conhecimento humano que representou a teoria de Freud. Tudo isso veio desbancar as lógicas vigentes, binárias, fazendo com que uma outra lógica, mais abrangente e mais apropriada, a lógica do terceiro incluído fosse se impondo. E com relação à Ética? Por que a Ética deveria ser repensada? Será que a psicanálise está empenhada em instaurar uma nova moral? Por que não serviriam mais as outras Éticas? Não haveria mais uma preocupação com o supremo Bem? Com a felicidade do homem? Como fica a questão da justiça se o imperativo categórico kantiano deixa de ser a baliza e guia da razão prática? Por onde se pautará o agir humano? O que falar, por outro lado, da ética de Spinoza?... tão bela na sua explicação sedutora de que dentro dessa estrutura absoluta que podemos chamar natureza, ou Deus, os indivíduos são essências singulares, cuja consistência é o desejo?... (cf. Grosrichard 1987).

Como psicanalista posso constatar que não há clínica sem Ética. E que a Ética, seja qual for o enfoque que dermos a ela, vem a ser justamente uma “teoria do ato”.

Com Freud já podemos ver que a psicanálise põe em cheque, desbanca, tanto as éticas finalistas, onde toda ação deve tender para o bem absoluto, onde **o valor faz a norma**, bem como, por outro lado, as éticas relativistas que instituem **a conduta como o próprio meio**. Éticas onde a própria ação se torna o referencial do dever. Foi Kant quem levou esta ética a sua posição mais extremada. *“Kant procura dar à ética um fundamento sólido – entenda-*

se, racional – recusando as posturas intelectualistas do fim e do ideal. Mantém a ação como o fundamento da ética, mas a novidade que ele introduz é considera-la não como o fruto do sentimento ou do prazer, mas como fruto da Lei. O agir moral para Kant passa a ser uma lei, um dever que exige ser cumprido, por puro respeito". (Thá, Fábio e Juan Fernando Peña 1986).

É principalmente em "**O mal estar da cultura**" que Freud vai criticar esses dois tipos de ética, mostrando que a psicanálise nos fala de uma outra ética. Sem nos determos mais neste ponto, isto é, naquilo que poderia consistir esta ética em Freud, passemos a Jacques Lacan que, embora no início de seus ensinamentos tenha se prendido bastante à Ética de Spinoza, não ficará detido nessas considerações e isto é o que pode nos interessar, podendo-se mesmo adiantar que Lacan vai mais longe ainda que Kant, fazendo uma reflexão rigorosa não apenas em seu Seminário entitulado **A Ética**, ditado entre 1959 e 1960, mas especialmente no seu intrigante artigo chamado "**Kant com Sade**", publicado em 1966 em seus "**Escritos**". Este artigo nos fala de um casamento insólito: daquele que teria sido o mais eminente dos moralistas, Kant, com o mais conhecido dos libertinos, Sade. É este Lacan que pode nos interessar hoje, aqui. Aquele que se preocupou em desenvolver uma teoria de um tipo muito específico de hedonismo, a que ele chamou sua teoria do gozo. Gozo ou "jouissance", em francês, um termo bem difícil de ser bem traduzido em outras línguas, tanto que o inglês conservou o "jouissance" mesmo, mas que em nosso vocabulário o termo "gozo" parece dar conta de uma forma bastante satisfatória.. É nesse artigo que Lacan vai trabalhar em profundidade como o desejo humano e o gozo estão de tal forma embricados que podem ser vistos como um nó. Um nó cego, humanamente impossível de ser desatado.

O artigo de Freud, acima mencionado, "**O mal estar na cultura**" foi, reconhecidamente, a influência mais marcante que Lacan recebeu, aquela que iria vincular de forma indelével, a sua obra com a de Freud. Voltaremos a isso mais adiante. Marquemos aqui, porém, que foi a partir de Freud que Lacan se viu obrigado a repensar a ética de Espinoza. Essa ética talvez tivesse servido ao psiquiatra do início de sua carreira, mas decididamente não se mostrava mais adequada ao psicanalista que mesmo no início já usara em sua tese de doutorado esta frase corajosa: "*temos que compreender aquilo que nos parece absurdo*".

Ele queria compreender o que lhe parecia o absurdo da "loucura", indo mais além das explicações biologizantes. E, lendo Freud ficou motivado a tentar entender o "*absurdo da pulsão de morte*".

O conceito de pulsão de morte na obra de Freud, assinala uma guinada radical no pensamento psicanalítico e custou a Freud muito caro, custou a ele ver que seus colaboradores mais próximos e mais queridos, não quiseram segui-lo neste ponto. Pois bem, os motivos que levaram Freud a desenvolver essa teoria sensibilizaram Lacan e foi, justamente, a tentativa de resgatar a idéia freudiana de uma pulsão de morte que inspirou a Lacan o seu slogan "um retorno a Freud". Foi também como um diálogo que Lacan iniciou a sua reflexão. Ele se dirigia diretamente ao grupo de analistas que, não apenas rejeitavam uma idéia de uma pulsão destrutiva, mortífera, mas que também propunham que a experiência analítica deveria estar centrada num ego forte, autônomo, algo com o que jamais Lacan compactuou, mas que até hoje tem uma grande aceitação, especialmente nos Estados Unidos..

O retorno proposto por Laçam acentua, pelo contrário, aquilo que vai mais além do princípio do prazer, aquilo que tem a ver diretamente com uma inércia do imaginário que mais tarde Lacan chamará de inércia do gozo.

Sem utilizarmos esta chave, ou seja, sem levarmos em conta o quanto é central o conceito de pulsão de morte na teoria lacaniana fica difícil, se não mesmo, impossível compreendermos aquilo que vem a ser a sua única verdadeira contribuição para a psicanálise, seguindo suas próprias palavras: o seu conceito de **objeto pequeno “a”**, também chamado **resto** ou ainda, de o **“mais gozar”** e que nos interessa para refletirmos sobre a ética.

Podemos nos perguntar, mas “o que tem a ética a ver com uma teoria do gozo?”. Bem, já vimos que **a Ética é fundamentalmente uma teoria da ação**. O gozo, por sua vez nos fala de uma não-ação, de uma certa inércia., bem como de um outro “objetivado”. Como entender isso? A psicanálise propõe que o lugar do gozo é o corpo... Mas que corpo é esse? De que outro objetivado nos faz referência a teoria do gozo? Todos esses são pontos nevrálgicos da questão da ética. São os impasses do gozo que desafiam a todos nós, não apenas psicanalistas, a pensarmos seriamente sobre a ética. É importante, por outro lado, que esses impasses não nos paralizem. Para avançarmos no questionamento que nos ocupa, faz-se necessário **“reconhecer o insondável do gozo, porém não se limitar a esta constatação”**. A teoria que se reduzisse a declarar **“gozo é um mistério”**, se tornaria uma espécie de uma mística diante de um abismo, onde o rigor que queremos ter se mostraria inútil. Pelo contrário, o trabalho da teoria **“consiste em não tamponar o buraco, porém em tentar defini-lo melhor, demarcando seus limites”**(Nasio 1985)

Já em Freud podemos encontrar a problemática do gozo, mas com outras roupagens. O gozo como algo da ordem de um conflito enigmático, paradoxal, já está por exemplo, no pai cerceador de **“Totem e tabu”**. O assassinato desse pai visava, primordialmente, abrir caminho para que todos pudessem também gozar. Mas... o que vai acontecer de fato? O assassinato não apenas não libera o gozo almejado, como ainda, vai reforçar todas as proibições. O pai morto e introjetado torna-se dessa forma ainda mais interditor.

Lacan, refletindo sobre esse paradoxo que o mito freudiano nos apresenta, vai chegar no seu Seminário sobre a ética, à conclusão de que Freud estaria fazendo referência a algo anterior, a uma culpabilidade que antecederia à lei propriamente dita. Sem adentrar muito por esse ponto, talvez o que seja interessante marcar aqui é que para dar conta dessa culpabilidade Freud vai liga-la ao “amor pelo pai”.

Lacan, por sua vez, para tentar igualmente compreender esse paradoxo, vai desenvolver ali onde Freud fala apenas em superego, uma outra categoria, não em substituição mas, antes, como um acréscimo à teoria freudiana. É o conceito de Nome-do-Pai. Assim, superego e Nome do Pai não são sinônimos e nem categorias que se sobrepõem. Enquanto o superego rege sempre de maneira enérgica e mesmo, férrea, as ações do sujeito, impondo um gozo imperativo e destruidor, o Nome-do-Pai, pelo contrário, surge como um princípio organizador, por excelência. É aquele que limitando o gozo, regula o desejo, assegurando a continuidade do processo vital de um sujeito desejante.

O superego, vinculado à própria pulsão de morte, age conforme uma lógica binária, um princípio de ação e reação. O Nome-do Pai, pelo contrário, longe de ser uma lei cega, diádica, implacável, é regido por uma lógica do terceiro incluído. Ele envolve a idéia de possibilidade, de crítica, de auto-controle. Ele envolve uma determinada idéia de ética.

Tentemos esclarecer um pouco mais: o Seminário da Ética, um dos mais importantes da obra de Lacan, longe de se apresentar como um sistema fechado, tal qual a **Ética a**

Nicômano, de Aristóteles, ou à **Crítica da razão prática**, de Kant, ou mesmo, a **Ética de Spinoza**, ele vem a ser mais uma reflexão muito rigorosa sobre aquilo que um analista deve almejar na direção de uma cura, uma vez que ele deseja que sua ação, seu ato, seja lógico, tenha nexos. Mesmo não sendo um sistema, este Seminário contém alguns axiomas. Dentre eles, destaca-se este: que o único “pecado” que pode existir na psicanálise seria o sujeito ceder a seu desejo. A máxima ética aí contida é “não ceder quanto a seu desejo”. Convenhamos de início, que esta máxima, muito mais negativa que positiva, não se apresenta como uma fórmula clara, precisa, sem ambiguidades. Vejamos de perto o contexto de onde ela foi retirada: “Eu proponho que a única coisa com relação à qual se pode ser culpado (...) é a de ter cedido quanto ao próprio desejo” (Lacan 1986) De que desejo estaria nos falando Lacan? As coisas não ficam mais claras quando nos lembramos que “desejo” vem a ser sempre “desejo de desejo”. Algo intransitivo. O desejo, em si, é sempre inominável. Porém é certo que desejo não se confunde com capricho e nem com o querer. Desejo é sempre algo mais vital. É nossa própria essência. O estofado do qual somos feitos. Ao *Penso, logo existo*, de Descartes, poderíamos substituir aqui por: “**Desejo, logo existo**”.

Neste ponto de nossa reflexão, vejo-me tentada a fazer uma referência, ainda que rápida e superficial” a algo que pode servir como exemplo a esta teoria. Falo da Antígona, de Sófocles. O próprio Lacan utilizou este exemplo para evidenciar a dimensão trágica da questão. Antígona representa esta bela figura de mulher: frágil, vulnerável, não obstante, tão corajosa. Em nome de uma “lei do coração” ela desafia o tirano Creonte. Creonte havia interditado a Polynice, irmão de Antígona, e traidor da cidade, o direito de sepultamento. Desta forma, através dessa ordem irrevogável ele se faz representante de uma lei cega, férrea e brutal. Não há mediação possível. Antígona acaba tendo que ser enterrada juntamente com Polynice.

Sem explorar toda a riqueza dessa tragédia que até hoje nos fala tão de perto, marquemos, porém, neste sobrevôo rápido, aquilo que parece ficar manifesto e que nos interessa de imediato: a questão da Lei. Creonte põe de lado o coração, descarta a sensibilidade, tanto que acaba por perder todos os seus entes mais queridos, e no lugar do coração coloca a lei. A Lei kantiana. Antígona, por seu lado, ficou sendo apenas coração, e, se desejo é sempre “desejo de desejo”, ela parou de desejar. Por esse motivo Lacan vai dizer, depois, que ela não pode nos servir de modelo ético, por mais que admiremos sua coragem, pois o imperativo ao qual ela se curva é igualmente o outro lado do imperativo kantiano. De alguma forma ela também se acha prisioneira de um gozo mortífero. Aliás, se pensarmos um pouco, podemos ver que Creonte também é prisioneiro. Também se imobilizou. Curioso, porém, é que ambos, apesar da situação idêntica que vivem, apresentam uma antinomia radical: ele, num pólo porque se amarrou à LEI, a lei pela lei. Ela, por outro, porque se deixa amarrar pelo coração ... Completamente colados a suas escolhas, tanto Creonte como Antígona não deixam lugar para aquilo que chamaríamos de “um resto”, o célebre objeto pequeno “a”, de Lacan, o que iria permitir a inclusão de um terceiro. Sair da lógica binária para a lógica do terceiro incluído. Aquele elemento que permitiria se levar a corrente do desejo vital para frente, para o futuro. Mas daí seria uma outra história e não seria mais a célebre tragédia que nos obriga a pensar e que tanto nos fascina.

O próprio Lacan que teve contato com as idéias do lógico e filósofo norte americano Charles Peirce, disse certa vez que este terceiro elemento que ele chamou de objeto “a”, correspondia ao conceito de “interpretante” na teoria peirceana.

De fato, o interpretante é aquele elemento na teoria do signo encarregado de fazer deslizar a cadeia significante. Isto somente é possível se existir um certo grau de indeterminismo que permita uma mediação. Essa mediação abre possibilidades que poderão ser atualizadas num futuro. Desta forma o axioma da psicanálise segundo o qual o sujeito não deverá ceder frente ao seu desejo, encontra seu equivalente na máxima de Charles Peirce: ***“Que não se bloqueie o caminho da indagação”*** (Peirce 1965: 1.135-45)

E, para finalizar podemos concluir que para se pensar a ética, numa reflexão transdisciplinar, é necessário que se aproxime o pensamento lógico, do rigor, da lei, ao pensamento sensível, da estética, do coração e dos valores, pois a Ética deve ser o terceiro incluído no binômio Lógica e Estética.